



O Transtorno do Espectro Autista: uma análise neurolinguística

Palavras-Chave: Autismo, Neurolinguística Discursiva, Aquisição da linguagem

Autores(as):

BENJAMIN PANACHI PIMENTA, IEL – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. MARIA IRMA HADLER COUDRY (orientadora), IEL - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Partindo dos princípios desenvolvidos com os estudos da Neurolinguística Discursiva, este projeto de pesquisa tem como seu principal objetivo se desdobrar acerca das concepções que rondam o Transtorno do Espectro Autista, também conhecido como TEA, levando em consideração aspectos que vão além do que dizem os manuais médicos e buscando entrar no campo dialógico, sendo este um local onde o indivíduo autista poderá se afirmar enquanto sujeito.

Além dos fatos acima mencionados, é válido ressaltar que serão explorados o campo da aquisição da linguagem e análises que discorrem sobre métodos que buscam anular o sujeito para que este se encaixe nos padrões estabelecidos pela sociedade. Procuro também trazer um olhar crítico a respeito desses tópicos, apontando a constante tentativa de padronização e patologização de sujeitos autistas, que passam a ser vistos apenas como seus diagnósticos e acabam sendo apagados, afetando diretamente o modo como esses indivíduos irão ser vistos dentro do campo dialógico e como irão habitar a linguagem.

METODOLOGIA:

Para fomentar a argumentação, foi necessário tomar como base a vivência do próprio autor desta pesquisa enquanto sujeito que se encaixa no que hoje é conhecido como Transtorno do Espectro Autista, assim como também buscar trazer elementos já estudados previamente, através de teses de mestrado e estudos de caso como *Fale com ele* (BORDIN, 2006) e *A intervenção ABA em crianças portadoras de TEA* (BERGAMASCHI, 2020). Em conjunto a isso, também são relevantes obras e mídias que, embora não dialoguem diretamente com o TEA, são fundamentais para a compreensão da Neurolinguística Discursiva e contribuem de maneira significativa para uma visão que ultrapassa o patológico e que passa a propor um olhar diferenciado com relação ao discurso, como, por exemplo, *Diário de Narciso: Discurso e Afasia* (COUDRY, 1988).

Ademais, para além dos estudos de caso, também são analisadas observações acerca do ambiente escolar para a criança autista. É basilar que, seguindo os estudos da Neurolinguística Discursiva e refletindo sobre a teoria histórico-cultural de Vygotsky, busquemos identificar se traços identificados pela escola como da ordem do patológico não estão, na verdade, sendo manifestados através do processo pessoal de aquisição da língua falada e da língua escrita por parte da criança que é submetida a tais rótulos. Por isso, devido ao excesso de diagnósticos dados, foi necessário olhar para testes de avaliação, principalmente os que envolvem a linguagem, pois é através da utilização destes que essa natureza de padronização se torna evidente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O que incomoda nesse dado é a presença do que há de paradoxal no autismo: uma criança autista se chamar de “eu” e dizer que fala consigo, quando muitas vezes se supõe que não existe um “sujeito” no autismo, ou se supõe que ele não fala com ninguém, menos ainda consigo mesmo.

(BORDIN, 2006, p.106)

Em primeiro lugar, é imprescindível retomar um dos pontos cruciais levantados por Bordin (2006) em sua tese de mestrado. Ao analisar o caso de L.J, um garoto autista, é possível observar aspectos que clarificam bastante a maneira como deveríamos compreender pessoas de dentro do TEA. Para a autora, devemos pensar que o autismo não somente atinge a criança, mas também seu interlocutor. Ou seja, a maneira como o outro irá se estabelecer dentro da linguagem irá ditar grande parte de como será a inserção do autista no processo de aquisição da língua materna. A psicanálise freudiana também parte desse mesmo pressuposto, visto que acredita que é necessário que um aparelho de linguagem entre em funcionamento com outro aparelho de linguagem para que ocorra o processo de aquisição.

Consoante a isso, a principal discussão proposta por esta pesquisa gira em torno do movimento feito pela sociedade de modo a tentar anular o sujeito que se enquadra no Transtorno do Espectro Autista, além de evidenciar como sintomas tidos por instituições como a escola, por exemplo, são prontamente identificados como da ordem do patológico e não simplesmente como um processo comum dentro da aquisição da língua falada e da língua escrita. A solução para tal impasse se dá dentro do campo dialógico, pois, para a Neurolinguística Discursiva é preciso ter uma visão funcional acerca do cérebro, que é contextualizado historicamente por processos linguísticos e cognitivos. Tal visão se opõe à perspectiva que privilegia ideias da ordem do normal e da patologia. É necessário afirmar, apesar disso, que patologias existem, pois quando o cérebro é afetado por lesões adquiridas ou congênitas,

estas se estabelecem. O que é preciso, neste caso, é mudar a visão limitada e o tratamento que cerceia os indivíduos afetados por esses diagnósticos.

Para que a discussão seja feita de maneira certa e de modo a respeitar a singularidade de cada sujeito, tomaremos como base a proposta de se trabalhar o campo dialógico com e na linguagem, pois o autismo, quando afeta a comunicação da criança, não atinge somente ao próprio indivíduo do espectro, mas também aquele com quem o sujeito dialoga.

Se pensarmos na teoria desenvolvida por Cláudia de Lemos ao longo dos anos 90, temos que a criança se transforma em falante como efeito direto de um processo longo de subjetivação pela linguagem. Para entender melhor este percurso, a autora divide em três posições as relações que a criança estabelece com a estrutura da língua, sendo elas:

- Dominância da fala do outro;
- Dominância do funcionamento da língua;
- Dominância do sujeito com a sua própria fala

Analisando o estudo de campo desenvolvido por Bordin (2006) em conjunto com outros materiais citados anteriormente, é possível notar que a pessoa autista também percorre os três tópicos levantados acima, embora de maneira diferente. Devido à constante patologização desses indivíduos, muitos aspectos cruciais do desenvolvimento são tidos apenas como sintomas. Para entender melhor essa colocação, observemos a seguinte transcrição, apresentada por Bordin em sua tese:

9	LJ	Ah, tô conversando.		Olhando às vezes para o robô, e em outros momentos disperso.
10	Iss	Então, fala comigo LJ.		
11	LJ	Eu falo comigo.		
12	Iss	Comigo, comigo, não com você, comigo.		Apontando para si própria quando fala a

Tabela 1 - Transcrição entre L.J e a pesquisadora Iss (BORDIN, 2006, p. 105)

Podemos notar que, caso Bordin seguisse com a visão patologizante que ronda as pessoas do Espectro, poderia ter compreendido tais dados apenas como uma ecolalia, ou seja, repetição e sintomas daquilo que classificaria L.J como alguém da ordem que não pertence ao “normal”. Todavia, valendo-se das análises da Neurolinguística Discursiva, a autora foi capaz de perceber que, além de se colocar enquanto sujeito através da linguagem, L.J estaria, na linha 11, ocupando a terceira posição

da teoria desenvolvida por De Lemos, pois estaria escutando a própria fala e subjetivando sua relação com a pesquisadora que, inicialmente, também não leva em consideração essa possibilidade.

Torna-se, então, necessário que pensemos que a relação que a criança autista estabelecerá com o processo de aquisição da linguagem depende diretamente do aparelho de linguagem do adulto que irá inseri-la na língua em si. Contudo, quando pensamos em transtornos do desenvolvimento que afetam a maneira como o indivíduo pode vir a se comunicar, surgem muitos questionamentos patologicamente embasados que, direta ou indiretamente anulam o sujeito e fazem com que comportamentos tidos como “indesejáveis” sejam erradicados de maneiras que afetam a relação que a pessoa autista irá estabelecer com o mundo.

Como se trata de uma pesquisa ainda em andamento, é possível afirmar que novas discussões irão ser levantadas, principalmente após a análise que será feita sobre os testes padronizados e manuais para diagnóstico de transtornos do desenvolvimento. Dito isso, são fundamentais as futuras leituras que serão exploradas, assim como os dados que poderão ser obtidos.

CONCLUSÕES:

Tomando como base os estudos neuropsicológicos e neurolinguísticos desenvolvidos ao longo dos anos, em conjunto com teorias da aquisição da linguagem, podemos notar o processo de aquisição da língua materna por parte de uma criança e como esta se comporta e habita a linguagem. Todavia, muitas dúvidas podem surgir quando o indivíduo em questão pertence ao Transtorno do Espectro Autista, pois este não se comporta e não se relaciona com a linguagem do mesmo modo que outras crianças.

Contudo, é imprescindível que esse processo seja olhado de maneira a respeitar a constituição de um sujeito por trás de seu diagnóstico, pois essas pessoas contam com suas histórias e trajetórias. Deste modo, a proposta desta pesquisa é para que olhemos para a relação estabelecida entre sujeito autista e linguagem a partir das propostas da Neurolinguística Discursiva, que privilegia uma abordagem a partir de situações dialógicas que façam sentido para aquele indivíduo.

Por fim, a partir dos levantamentos bibliográficos apresentados e das análises realizadas, foi possível concluir que a criança autista habita a linguagem de modo diferente, mas que ainda sim deve ser vista para além de seu diagnóstico. É necessário romper, com base na prática discursiva, com padrões que apenas apagam esses indivíduos, fazendo com que estes consigam ter suas vivências respeitadas de modo a deixarem de ser vistos como corpos não dóceis para a sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- BERGAMASCHI, Tayná. **A intervenção ABA em crianças portadoras do TEA**. Campinas, 2020
- BORDIN, Sonia. **Fale com ele: um estudo neurolinguístico do autismo**. Campinas, 2006
- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: Discurso e Afasia**. São Paulo, Martins Fontes, 2001
- DE LEMOS, Claudia. **Sobre o estatuto linguístico e discursivo da narrativa na fala da criança**. *Linguística*, vol 13, 2001
- FREUD, Sigmund. **Sobre a concepção das afasias: Um estudo crítico**. São Paulo, Editora Autêntica, 2013
- VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2009
- VIGOTSKI, L.S. **A imaginação e a criatividade na infância**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2014
- VIGOTSKI, L.S. **Problemas da defectologia**. São Paulo, Expressão Popular, 2021